



John le Carré



UM HOMEM
MUITO PROCURADO

Romance

Tradução de
Isabel Veríssimo

3.^a edição



DOM QUIXOTE



UM CAMPEÃO turco de boxe da categoria de pesos pesados a passear calmamente por uma rua de Hamburgo de braço dado com a mãe dificilmente poderá ser censurado por não reparar que está a ser seguido por um rapaz escanzelado de casaco preto.

Big Melik, como era conhecido na vizinhança que o admirava, era um tipo gigante, peludo, desengonçado e simpático, com um grande sorriso natural, cabelos pretos presos num rabo-de-cavalo e um andar gingado e descontraído que, mesmo sem a mãe, ocupava metade do passeio. Aos vinte anos, era uma celebridade no seu pequeno mundo, e não apenas pelas proezas no ringue de boxe: eleito representante dos jovens do seu clube desportivo islâmico, segundo classificado por três vezes no Campeonato de Natação do Norte da Alemanha na categoria de cem metros mariposa e, como se tudo isso não bastasse, guarda-redes fabuloso da equipa de futebol de sábado.

Como a maioria das pessoas muito grandes, estava também mais acostumado a ser olhado do que a olhar, outro dos motivos pelos quais o rapaz magricela conseguiu segui-lo durante três dias e três noites consecutivos sem ser detectado.

Os dois homens estabeleceram contacto visual pela primeira vez quando Melik e a mãe, Leyla, saíram da Agência de Viagens al-Umma, depois de comprarem bilhetes de avião para o casamento

da irmã de Melik que decorreria na sua aldeia natal, nos arredores de Ancara. Melik sentiu o olhar de alguém fixo em si, olhou em volta e deparou-se com um rapaz desesperadamente magro, da mesma altura que ele, com uma barba rala, olhos vermelhos e encovados e um casaco preto comprido que podia ter abrigado três mágicos. Tinha um *keffiyeh* preto e branco à volta do pescoço e um saco de viagem bege ao ombro. Olhou fixamente para Melik e em seguida para Leyla. Depois, voltou a concentrar-se em Melik, sem pestanejar uma única vez, mas atraindo-o com os seus olhos ardentes e encovados.

Porém, a expressão de desespero estampada nos olhos do rapaz não perturbou muito Melik, pois a agência de viagens estava situada na ponta do recinto da estação ferroviária principal, onde todos os tipos de almas perdidas – vagabundos alemães, asiáticos, árabes, africanos ou turcos como ele próprio, mas menos afortunados – deambulavam o dia inteiro, juntamente com os homens sem pernas em carrinhos eléctricos, vendedores de droga e respectivos clientes, mendigos e os seus cães, e um *cowboy* de setenta anos com um chapéu mole de aba larga e calças de montar de pele com tachas prateadas. Poucos tinham trabalho e alguns nem sequer deviam estar em solo alemão, mas eram, na melhor das hipóteses, tolerados ao abrigo de uma política deliberada de indigência, até à deportação sumária, regra geral ao amanhecer. Apenas os recém-chegados ou os intencionalmente teimosos se arriscavam. Os ilegais mais prudentes evitavam a estação.

Outro bom motivo para ignorar o rapaz foi a música clássica que os responsáveis pela estação emitem em altos berros nesta zona através de um conjunto de colunas de som colocadas em pontos estratégicos. Longe de pretender transmitir uma sensação de paz e bem-estar às pessoas que a ouvem, o objectivo é o de correr com elas.

Apesar desses entraves, o rosto do rapaz escanzelado ficou gravado na mente de Melik e, durante um instante fugaz, a felicidade que sentia deixou-o embaraçado. Por que raio deveria sentir-se assim? Acabara de acontecer uma coisa esplêndida e ele mal podia

esperar para telefonar à irmã e contar-lhe que a mãe, Leyla, depois de seis meses a cuidar do marido moribundo e um ano a chorar por ele, estava a transbordar de felicidade com a perspectiva de ir ao casamento da filha, e preocupada com o que vestir, e se o dote seria suficientemente grande, e se o noivo era tão belo como toda a gente, incluindo a irmã de Melik, dizia.

Assim sendo, porque é que Melik não haveria de conversar com a própria mãe? – o que fez, entusiasticamente, durante todo o caminho até casa. Foi a tranquilidade do rapaz», concluiu mais tarde. Aquelas rugas de idade num rosto tão jovem como o meu. O seu olhar de Inverno num dia de Primavera encantador.

Isto aconteceu na quinta-feira.

E na sexta-feira à noite, quando Melik e Leyla saíram da mesquita juntos, ali estava ele de novo, o mesmo rapaz, com o mesmo *keffiyeh* e o sobretudo demasiado grande, comprimido na sombra de uma porta suja. Desta vez, Melik reparou que o corpo magricela estava inclinado para um lado, como se tivesse sido esmurrado com força e se mantivesse naquele ângulo até alguém lhe dizer que poderia endireitar-se. E o olhar ardente brilhava ainda com mais intensidade do que no dia anterior. Melik fitou-o de cabeça erguida, arrependeu-se e desviou o olhar.

E este segundo encontro foi muito menos provável porque Leyla e Melik quase nunca iam à mesquita, apesar de ser uma mesquita moderada onde se falava turco. Desde o 11 de Setembro, as mesquitas de Hamburgo tinham-se tornado lugares perigosos. Ir à mesquita errada, ou à mesquita certa com o imã errado, era o suficiente para colocar a própria pessoa e toda a sua família numa lista de vigilância da polícia para o resto da vida. Ninguém duvidava de que praticamente todas as filas de oração continham um informador que estava a ser pago pelas autoridades. Não era provável que alguém esquecesse, quer fosse muçulmano, espião da polícia ou ambos, que a cidade-Estado de Hamburgo acolhera, involuntaria-

mente, nada menos que seis dos terroristas do 11 de Setembro, ou talvez mais; nem que Mohammed Atta, que atirara o primeiro avião contra as Torres Gémeas, adorava o seu deus de ira numa humilde mesquita de Hamburgo.

Também era verdade que desde que o marido de Leyla falecera, ela e o filho tinham-se tornado menos cumpridores da sua fé religiosa. Sim, claro que o pai tinha sido muçulmano, e também laico. E era um defensor activo dos direitos dos trabalhadores, motivo pelo qual fora obrigado a abandonar a sua terra natal. Só tinham ido à mesquita porque Leyla, no seu estilo impulsivo, sentira uma necessidade incontrolável de rezar. Estava feliz. O peso do desgosto estava a desaparecer. No entanto, aproximava-se o primeiro aniversário do falecimento do marido. Ela precisava de conversar com ele e partilhar a boa notícia. Já tinham perdido a principal oração de sexta-feira e podiam muito bem ter rezado em casa. Mas os caprichos de Leyla eram lei. Alegando, correctamente, que as invocações pessoais tinham mais hipótese de ser ouvidas se fossem proferidas ao fim da tarde, insistira em ir à última oração do dia, o que, por acaso, significou que a mesquita estava praticamente vazia.

Por isso, evidentemente, o segundo encontro de Melik com o rapaz escanzelado, tal como o primeiro, fora puro acaso. Pois que mais poderia ser? Pelo menos, em toda a sua simplicidade, foi o que o bondoso Melik pensou.

No dia seguinte, sábado, Melik apanhou o autocarro para ir visitar o tio paterno rico na fábrica de velas da família que ficava do outro lado da cidade. O relacionamento entre o tio e o pai tinha tido momentos de tensão, mas desde o falecimento deste, Melik aprendera a respeitar a amizade do tio. Ao saltar para dentro do autocarro, quem viu ele senão o rapaz escanzelado sentado no abrigo de vidro da paragem a vê-lo partir? E seis horas mais tarde, quando regressou à mesma paragem, o rapaz continuava ali, enro-

lado no seu *keffiyeh* e no casaco de mágico, agachado no mesmo canto do abrigo, à espera.

Ao vê-lo, Melik, que como lema de vida se comprometera a amar toda a humanidade de forma igual, foi acometido de uma aversão pouco caridosa. Sentiu que o rapaz escanzelado estava a acusá-lo de algo e ficou ofendido. E o pior é que, apesar do seu estado miserável, tinha uma aura de superioridade. Afinal de contas, que pensava ele que estava a conseguir com aquele ridículo casaco preto? Que o tornava invisível ou algo parecido? Ou estaria a tentar insinuar que desconhecia a tal ponto os nossos costumes ocidentais que não fazia ideia da imagem que apresentava?

Fosse como fosse, Melik decidiu ignorá-lo. Assim, em vez de se aproximar e lhe perguntar se precisava de ajuda, ou se estava doente, coisa que talvez tivesse feito noutras circunstâncias, dirigiu-se para casa em passo rápido, confiante de que o rapaz magricela não teria a menor hipótese de acompanhá-lo.

O dia estava extemporaneamente quente para a Primavera, e o sol queimava o passeio pejado de gente. No entanto, o rapaz escanzelado conseguiu por alguma espécie de milagre acompanhar o ritmo de Melik, a coxear e a arfar, a respirar ruidosamente e a transpirar, e saltando de vez em quando no ar como se estivesse com dores, mas mesmo assim conseguindo parar ao seu lado nas passagens de peões.

E quando Melik entrou na minúscula casa de tijolo que, passadas décadas de poupanças familiares, a mãe possuía agora quase sem dívida, só teve de esperar alguns segundos antes de ouvir a campainha da porta. E quando voltou para o andar de baixo, lá estava o rapaz escanzelado na soleira da porta com o saco de viagem ao ombro, os olhos brilhantes devido ao esforço da caminhada, suor a escorrer-lhe pelo rosto como chuva de Verão e um pedaço de cartão castanho na mão trémula onde estava escrito em turco: *Sou um estudante de medicina muçulmano. Estou cansado e quero ficar na tua casa. Issa.* Como se quisesse deixar a mensagem bem clara, à volta do pulso tinha uma bonita pulseira de ouro donde pendia uma réplica de ouro do Alcorão.

Mas Melik já estava farto e furioso. Estava plenamente consciente de que não era o maior intelecto que a sua escola jamais tinha visto, mas recusava-se a sentir-se culpado e inferior, e a ser seguido e atormentado por um mendigo com uma grande lata. Quando o pai falecera, Melik assumira orgulhosamente o papel de homem da casa e de protector da mãe e, como mais uma asserção da sua autoridade, fizera o que o pai não conseguira fazer antes de morrer: como turco residente de segunda geração, tinha-se lançado, a si e à sua mãe, na estrada comprida e pedregosa para a cidadania alemã, onde todos os aspectos do estilo de vida familiar eram analisados ao microscópio e o primeiro pré-requisito era oito anos de comportamento imaculado. A última coisa de que ele ou a mãe precisavam era de um vadio perturbado a afirmar-se estudante de medicina e a mendigar à sua porta.

– Desaparece daqui – ordenou bruscamente em turco ao rapaz magricela, bloqueando a entrada. – Desaparece daqui. Pára de nos seguir e não voltes.

Sem obter qualquer reacção do escanzelado a não ser um retraimento, como se tivesse sido agredido, Melik repetiu a ordem em alemão. Mas quando se preparava para fechar a porta apercebeu-se de que Leyla estava nas escadas atrás dele, a olhar por cima do seu ombro para o rapaz e para o cartão com a mensagem que lhe tremia incontrolavelmente na mão.

E percebeu que ela já tinha lágrimas de compaixão nos olhos.

O domingo passou, e na segunda-feira de manhã Melik arranjou uma desculpa para não ir para a frutaria do primo em Wellingsbüttel. Disse à mãe que ia ficar em casa para treinar para o Campeonato Amador de Boxe. Tinha de se exercitar no ginásio e na piscina olímpica. Mas na verdade tinha chegado à conclusão de que não seria seguro deixá-la sozinha com um tarado esguio com manias de grandeza que, quando não estava a rezar ou a olhar para a parede, deambulava pela casa, a tocar ternamente em tudo como se as

coisas lhe trouxessem recordações antigas. Na opinião do filho, Leyla era uma mulher incomparável, mas desde o falecimento do marido andava instável e deixava-se guiar apenas pelos sentimentos. As pessoas que ela decidia amar eram incapazes de proceder mal. Os modos suaves de Issa, a sua timidez e acessos repentinos de um despontar de felicidade, fizeram dele um membro instantâneo desse grupo selecto.

Na segunda-feira, e também na terça, Issa pouco mais fez a não ser dormir, rezar e tomar banho. Para comunicar, falava um peculiar turco gutural e macarrónico com sotaque, furtivamente, em explosões, como se falar fosse proibido, e no entanto, inexplicavelmente didáctico para os ouvidos de Melik. Para além disso, comia. Onde diabo caberia tanta comida? A qualquer hora do dia, Melik entrava na cozinha e ali estava ele, com a cabeça inclinada sobre uma tigela de borrego com arroz e vegetais, a colher nunca parada, os olhos a deslizar de um lado para o outro com medo de que alguém lhe tirasse a comida. Depois de terminar, limpava a tigela com um pedaço de pão, comia-o e, com um «Bendito seja Deus» e um leve sorriso no rosto como se tivesse um segredo demasiado bom para partilhar com eles, levava a tigela para o lava-loiça e lavava-a à torneira, uma coisa que Leyla nunca na vida teria autorizado o marido ou o filho a fazer. A cozinha era o seu domínio. Os homens tinham de se manter bem longe.

– Então, quando é que pensas começar os estudos de medicina, Issa? – perguntou-lhe Melik casualmente, quando a mãe estava a ouvir.

– Se Deus quiser, será em breve. Tenho de ser forte. Não posso ser mendigo.

– Sabes que precisas de uma autorização de residência. E de um cartão de estudante. E tens de ter pelo menos uns cem mil euros para casa e comida. E um carro fixe de dois lugares para saíres com as namoradas.

– Deus é misericordioso. Quando eu não sou mendigo, Ele proverá.

Na opinião de Melik, tamanha autoconfiança ia para além da mera religiosidade.

– Ele está a custar-nos dinheiro a sério, mãe – declarou ele, entrando intempestivamente na cozinha quando Issa estava em segurança no sótão. – A quantidade de comida que come. E todos aqueles banhos.

– Não mais do que tu, Melik.

– Não, mas ele não é eu, pois não? Nós não sabemos quem ele é.

– O Issa é nosso convidado. Quando a sua saúde melhorar, com a ajuda de Alá pensaremos no seu futuro – replicou a mãe com altivez.

Os esforços implausíveis de Issa para ser discreto só o tornavam mais conspícuo aos olhos de Melik. A avançar furtivamente pelo corredor ou a preparar-se para subir o escadote para o sótão onde Leyla tinha feito uma cama para ele, comportava-se com o que Melik considerou uma circunspeção exagerada, pedindo autorização com os olhos de carneiro mal morto e espremendo-se contra a parede quando Melik ou Leyla tinham de passar.

– O Issa esteve na prisão – anunciou Leyla complacentemente uma manhã.

Melik ficou chocado.

– Tem a certeza? Estamos a dar abrigo a um cadastrado? De certeza que a polícia sabe disso? Ele *disse-lhe*?

– Ele disse que na prisão em Istambul só dão um pedaço de pão e uma tigela de arroz por dia – disse Leyla, e antes de Melik poder protestar mais acrescentou uma das panaceias preferidas do marido: – Honramos o hóspede e ajudamos quem tem problemas. Nenhuma obra de caridade fica sem recompensa no Paraíso – entoou. – Não esteve o teu próprio pai na prisão na Turquia, Melik? Nem todas as pessoas que são presas são criminosas. Para pessoas como o Issa e o teu pai, a prisão é uma divisa de honra.

Mas Melik percebeu que ela tinha outras ideias na manga que se sentia menos inclinada para revelar. Alá tinha atendido as suas preces. Enviara-lhe um segundo filho para compensar a perda do marido. Aparentemente, o facto de ele ser um cadastrado meio

doido e ilegal com delírios acerca da sua pessoa não parecia incomodá-la.

Ele era da Chechénia.

Chegaram a essa conclusão na terceira noite, quando Leyla surpreendera o rapaz, e a si mesma, proferindo melodiosamente algumas frases em checheno, uma coisa que Melik nunca a ouvira fazer em toda a sua vida. O rosto macilento de Issa iluminou-se com um súbito sorriso espantado que se desvaneceu igualmente depressa, e dali em diante pareceu emudecer. Porém, a explicação de Leyla para os seus dotes linguísticos revelou-se simples. Quando era criança, na Turquia, tinha brincado com crianças chechenas na sua aldeia e aprendera facilmente fragmentos da língua. Desde o momento em que pusera os olhos em Issa desconfiara que ele era checheno, mas mantivera-se calada porque com os chechenos nunca se sabia.

Ele era da Chechénia, a mãe tinha falecido e a única recordação que tinha dela era a pulseira de ouro com o Alcorão que ela lhe colocara no pulso antes de morrer. Mas quando e onde morrera, e que idade tinha quando herdara a pulseira, eram perguntas que ele não conseguiu ou não quis perceber.

– Os chechenos são odiados em todo o lado – explicou Leyla a Melik, enquanto Issa mantinha a cabeça baixa e continuava a comer. – Mas não por nós. Estás a ouvir-me, Melik?

– Claro que estou a ouvi-la, mãe.

– Todos perseguem os chechenos excepto nós – continuou ela. – É normal em toda a Rússia e no mundo. Não apenas chechenos, mas também russos muçulmanos, por todo o lado. O Putin persegue-os e o senhor Bush encoraja-o. Enquanto o Putin lhe chamar a sua guerra contra o terror fará o que quiser com os chechenos e ninguém o impedirá. Não é verdade, Issa?

Mas o breve momento de prazer de Issa já tinha passado há muito tempo. As sombras tinham regressado ao seu rosto estragado, a centelha de sofrimento aos olhos de carneiro mal morto e uma mão protectora fechara-se sobre a pulseira. *Fala*, raios te par-

tam, instigou Melik, indignado, mas não em voz alta. Se alguém me surpreende ao falar-me em turco, eu respondo em turco, é uma questão de delicadeza! Então, porque é que não respondes à minha mãe com algumas palavras simpáticas em checheno, ou estás demasiado ocupado a devorar toda a sua comida de borla?»

Melik tinha outras preocupações. Ao efectuar uma inspecção de segurança ao sótão, que Issa considerava agora o seu território soberano – furtivamente, Issa estava na cozinha, como sempre a falar com a sua mãe –, tinha feito algumas descobertas reveladoras: bocados de comida armazenados como se Issa estivesse a planear a fuga; uma fotografia tipo passe da irmã adorada de Melik aos 18 anos numa moldura dourada, roubada à colecção de pequenos retratos da família que estava exposta na sala de estar e que a mãe venerava; e a lupa do pai, pousada sobre um exemplar das Páginas Amarelas de Hamburgo, aberta na secção dedicada aos muitos bancos da cidade.

– Deus deu um sorriso terno à tua irmã – declarou Leyla com satisfação, em resposta aos protestos indignados de Melik de que estavam a dar abrigo a um tarado sexual e imigrante ilegal. – O sorriso dela iluminará o coração de Issa.

Então, Issa era da Chechénia, quer falasse ou não a língua. Os pais já tinham morrido, mas quando lhe faziam perguntas sobre eles ficava tão intrigado como os seus anfitriões e olhava docemente para um canto da sala com as sobranceiras erguidas. Era apátrida, sem-abrigo, ex-presidiário e ilegal, mas Alá proporcionar-lhe-ia os meios para estudar medicina quando deixasse de ser um mendigo.

Bem, em tempos Melik também tinha sonhado ser médico e até conseguira arrancar ao pai e aos tios uma promessa partilhada de financiarem os seus estudos, um encargo que teria obrigado a família a um duro sacrifício. E se tivesse tido notas um pouco melhores nos exames e talvez jogado menos jogos, seria onde estaria hoje: na

faculdade de medicina, um aluno do primeiro ano a dar tudo por tudo para honrar a família. Era, portanto, compreensível que a suposição despreocupada de Issa de que Alá lhe permitiria de alguma forma insondável concretizar o que Melik tinha manifestamente falhado o tivesse levado a ignorar os avisos de Leyla e, o melhor que o seu coração generoso permitiu, lançar-se numa investigação minuciosa do seu indesejado hóspede.

A casa era apenas sua. Leyla tinha saído para fazer compras e só voltaria a meio da tarde.

– Então, estudaste medicina, não é verdade? – sugeriu, sentando-se ao lado de Issa para maior intimidade e imaginando-se o interrogador mais astuto do mundo. – Bom.

– Estive em hospitais, senhor.

– Como aluno?

– Estive doente, senhor.

Porquê todos estes senhores? Também fariam parte da prisão?

– No entanto, ser doente não é o mesmo que ser médico, pois não? Um médico tem de saber qual é a doença que as pessoas têm. Um doente fica à espera que o médico o cure.

Issa reflectiu sobre esta declaração da mesma forma complicada que reflectia em todas as afirmações, pequenas ou grandes, ora a olhar para o espaço com um sorriso pateta, ora a cofiar a barba com os dedos aracnídeos, e por fim sorriu abertamente sem responder.

– Que idade tens? – perguntou Melik, tornando-se mais brusco do que tinha planeado. – Se é que a minha pergunta não te ofende – sarcasticamente.

– Vinte e três, senhor. – Mas, uma vez mais, apenas depois de longa ponderação.

– Então, já és bastante crescidinho, não é verdade? Mesmo que conseguisses uma autorização de residência amanhã, não terias o teu diploma de médico antes dos trinta e cinco, mais coisa, menos coisa. E ainda terias de aprender a falar alemão. Também terias de pagar para isso.

– Se Deus quiser, também casarei com boa esposa e terei muitos filhos, dois rapazes, duas raparigas.

– No entanto, não vai ser com a minha irmã. Devo dizer-te que ela vai casar no próximo mês.

– Se Deus quiser, terá muitos filhos, senhor.

Melik pensou na próxima frase de ataque e atirou-se de cabeça:

– Afinal de contas, como é que chegaste a Hamburgo? – perguntou.

– É irrelevante.

Irrelevante? Onde é que ele tinha desencantado *aquela* palavra? E em turco?

– Não sabias que esta é a cidade da Alemanha onde os refugiados são mais mal tratados?

– Hamburgo será o meu lar, senhor. É para onde eles me trazem. É a ordem divina de Alá.

– *Quem é que te trouxe? Quem são eles?*

– Foi combinação, senhor.

– Combinação de quê?

– Talvez pessoas turcas. Talvez pessoas chechenas. Nós pagamos-lhes. Eles levam-nos para barco. Põem-nos em contentor. Contentor tinha pouco ar.

Isa começou a transpirar, mas Melik já tinha ido longe de mais para recuar.

– *Nós? Quem é nós?*

– Nós grupo, senhor. De Istambul. Grupo mau. Homens maus. Não respeito esses homens. – De novo o tom superior, mesmo em turco hesitante.

– Quantos eram?

– Talvez vinte. Contentor era frio. Passadas algumas horas, muito frio. Este navio ia para Dinamarca. Eu estava feliz.

– Copenhaga, queres tu dizer, certo? Copenhaga na Dinamarca. A capital.

– Sim... – iluminando-se como se Copenhaga fosse uma boa ideia – para *Copenhaga*. Em Copenhaga, eu estaria salvo. Estaria livre de homens maus. Mas este navio não foi imediatamente para Copenhaga. Este navio tinha de ir primeiro para Suécia. Para *Gotemburgo*. Sim?

– Há um porto sueco chamado Gotemburgo, creio eu – admitiu Melik.

– Em Gotemburgo, o navio vai atracar, o navio vai receber carga, depois vai para Copenhaga. Quando navio chega a Gotemburgo estamos muito doentes, com muita fome. No navio eles dizem-nos: «Não façam barulho. Suecos maus. Suecos matam-vos.» Nós não fazemos barulho. Mas suecos não gostam do nosso contentor. Suecos têm cão. – Reflecte um pouco. – «Como se chama, por favor?» – entoa, suficientemente alto para fazer Melik endireitar-se na cadeira. – «Que documentos, por favor? Vem da prisão? Que crimes, por favor? Fugiu da prisão? Como, por favor?» Os médicos são eficientes. Admiro aqueles médicos. Deixam-nos dormir. Estou agradecido àqueles médicos. Um dia serei um médico assim. Mas se Deus quiser tenho de fugir. Fugir para Suécia não é possível. Há arame da NATO. Muitos guardas. Mas também há casa de banho. Na casa de banho há janela. Depois de janela há portão para porto. O meu amigo sabe abrir esse portão. O meu amigo é do barco. Volto para barco. Barco leva-me para Copenhaga. Finalmente, digo eu. Em Copenhaga havia camiã para Hamburgo, senhor. Senhor, eu amo Deus. Mas do Ocidente também gosto. No Ocidente vou ser livre para adorá-Lo.

– Um *camiã* trouxe-te para Hamburgo?

– Foi combinado.

– Um camiã *checheno*?

– O meu amigo tem primeiro de me levar para estrada.

– O teu amigo da tripulação? Esse amigo? O mesmo tipo?

– Não, senhor. Era amigo diferente. Foi difícil chegar à estrada. Antes do camiã, temos de dormir uma noite no campo. – Olhou para cima e uma expressão da mais pura felicidade iluminou-lhe momentaneamente as feições macilentas. – Havia estrelas. Deus é misericordioso. Louvado seja o Senhor.

A debater-se com as improbabilidades desta história, humilhado com o seu fervor e ao mesmo tempo tão furioso com as omissões como com a sua própria incapacidade para ultrapassá-las,

Melik sentiu a frustração a estender-se para os braços e punhos, e os nervos de lutador a contraírem-lhe o estômago.

– Onde é que ele te deixou ficar, esse camião mágico que apareceu do nada? Onde é que te deixou ficar?

Mas Issa já não estava a escutar, se é que alguma vez esteve. De repente – ou de repente aos olhos honestos mas confusos de Melik –, o que tinha estado a acumular-se dentro dele irrompeu. Levantou-se tropeadamente e, com uma mão a tapar a boca, coxeou curvado para a frente até à porta, abriu-a com dificuldade apesar de ela não estar fechada à chave e cambaleou pelo corredor para a casa de banho. Momentos depois, a casa encheu-se de gemidos e ânsia de vômito como Melik não ouvia desde a morte do pai. Os ruídos foram parando gradualmente e seguiu-se o som de água a correr, a porta da casa de banho a abrir e a fechar e as escadas do sótão a chiar quando Issa se esgueirou para o andar de cima. Depois instalou-se um silêncio profundo e perturbador, quebrado de quinze em quinze minutos pelo piar electrónico do relógio de cuco de Leyla.

Às quatro horas dessa mesma tarde, Leyla regressou carregada de compras e, interpretando correctamente a atmosfera da casa, repreendeu Melik por transgredir os seus deveres de anfitrião e desonrar o nome do pai. Também ela se retirou para o seu quarto, onde se manteve num isolamento furioso até à hora de preparar a refeição da noite. Depressa os cheiros dos cozinhados invadiram a casa, mas Melik deixou-se ficar na cama. Às oito e meia ela fez soar o gongo de latão para chamar para o jantar, um precioso presente de casamento que aos ouvidos de Melik soava sempre como uma censura. Sabendo que a mãe não tolerava atrasos nessas alturas, entrou cabisbaixo na cozinha, evitando olhá-la nos olhos.

– Issa, querido, desce, por favor! – gritou Leyla, e como não recebeu resposta, pegou na bengala do falecido marido e bateu no tecto

com a ponteira de borracha, olhando acusadoramente para Melik que, sob o seu olhar gélido, arriscou a subida para o sótão.

Issa estava deitado no colchão, em cuecas, encharcado em suor e curvado de lado. Tinha tirado a pulseira da mãe do pulso e apertava-a na mão transpirada. À volta do pescoço tinha uma bolsa de pele suja presa com uma tira de couro. Os olhos estavam completamente abertos, mas pareceu não dar pela presença de Melik. Melik esticou-se para lhe tocar no ombro, mas recuou, assustado. A parte superior do corpo de Issa era um lamaçal de nódoas negras azuis e cor de laranja sobrepostas. Algumas pareciam ser chicotadas, outras marcas de mocas. Nas solas dos pés – os mesmos pés que tinham percorrido os passeios de Hamburgo –, Melik viu buracos supurados do tamanho de queimaduras de cigarro. Colocou os braços à volta do peito de Issa, levantou-o com o máximo cuidado e, chamando Leyla, desceu o apático Issa pela abertura do sótão e pelos degraus para ser recebido pelos braços da mãe.

– Ponha-o na minha cama – sussurrou Melik entre as lágrimas.
– Eu durmo no chão. Não me importo. Até lhe dou a minha irmã para lhe sorrir – acrescentou, lembrando-se da fotografia roubada no sótão e subindo novamente o escadote para ir buscar a moldura.

O corpo espancado de Issa estava embrulhado no roupão de banho de Melik, as pernas magoadas saíam no fundo da cama de Melik, a pulseira de ouro continuava apertada na mão, o olhar firme resolutamente fixado na parede da fama de Melik: fotografias de jornais do campeão triunfal, os seus cinturões de boxe e luvas vencedoras. No chão ao seu lado estava agachado o próprio Melik. Ele quisera chamar um médico a expensas suas, mas Leyla proibira-o de chamar fosse quem fosse. «Demasiado perigoso. Para Issa, mas também para nós. E o nosso pedido de naturalização? De manhã, a febre vai baixar e ele começará a recuperar.»

Mas a febre não baixou.

Tapada com um grande lenço e fazendo parte da viagem num táxi para despistar os perseguidores imaginários, Leyla fez uma visita imprevista a uma mesquita do outro lado da cidade onde se dizia que um dos crentes era um novo médico turco. Três horas mais tarde regressou a casa, furiosa. O novo jovem médico era um tonto e uma fraude. Não sabia coisa alguma. Faltavam-lhes as qualificações mais elementares. Não tinha a mínima noção das suas responsabilidades religiosas. Muito provavelmente, nem sequer era médico.

Entretanto, na sua ausência, afinal a temperatura de Issa descera um pouco e ela pôde recorrer às técnicas rudimentares de enfermagem que adquirira na época em que a família não podia pagar nem se atrevia a correr o risco de ir a um médico. Se Issa tivesse sofrido lesões internas, declarou ela, nunca teria conseguido devorar toda aquela comida, por isso não receou dar-lhe aspirina para que a febre baixasse nem confeccionar rapidamente um dos seus caldos feitos com água de arroz e temperados com poções de ervas turcas.

Sabendo que, na saúde ou na doença, Issa nunca teria permitido que ela lhe tocasse no corpo nu, Leyla deu toalhas a Melik, um cataplasma para a testa e uma tigela de água fria para o lavar de hora a hora. Para conseguir fazer isto, Melik, que estava cheio de remorsos, sentiu-se obrigado a desapertar a bolsa de pele que estava pendurada no pescoço de Issa.

Só depois de muito hesitar, e estritamente no interesse do hóspede doente – pelo menos foi o que garantiu a si mesmo –, e não antes de Issa se ter virado para a outra parede e mergulhado num sono inquieto, interrompido por murmúrios em russo, é que desamarrou o fio e abriu a bolsa.

O primeiro achado foi um punhado de recortes desbotados de jornais russos, enrolados e presos com um elástico. Removeu o elástico e espalhou-os no chão. O ponto em comum em todos eles era uma fotografia de um oficial com a farda do Exército Vermelho. Era um homem bruto, com a testa larga e maxilares salientes e parecia ter uns sessenta e tal anos. Dois recortes eram anúncios de falecimento, enfeitados com cruces ortodoxas e as insígnias de um regimento.

O segundo achado de Melik foi um maço de notas de cinquenta dólares norte-americanos, completamente novas, dez notas presas num porta-notas. Ao vê-las, todas as suspeitas anteriores voltaram em catadupa. Um fugitivo esfomeado, sem-abrigo, sem um tostão e espancado tem *quinhentos dólares intocados* na bolsa? Roubara-os? Falsificara-os? Fora por esse motivo que estivera preso? Fora isto que restara depois de pagar aos traficantes de pessoas de Istambul, ao membro solícito da tripulação que o tinha escondido e ao camionista que o trouxera de Copenhaga para Hamburgo? Se ainda tem quinhentos, com quanto teria partido? Afinal de contas, talvez as suas fantasias médicas não sejam tão descabidas.

O terceiro achado foi um envelope branco muito sujo amachucado numa bola, como se alguém quisesse deitá-lo fora mas tivesse mudado de ideias: não tinha selo nem endereço, e a dobra estava aberta. Melik endireitou o envelope e tirou uma folha amachucada impressa com caracteres cirílicos. Tinha uma morada impressa, uma data e o nome do remetente – pelo menos assim pensou – em grandes letras pretas no cimo da folha. Por baixo do texto ilegível havia uma assinatura ilegível a tinta azul, seguida de um número manuscrito de seis dígitos, mas escrito com muito cuidado, cada número contornado várias vezes, como para dizer *lembra-te disto*.

O último achado foi uma chave, uma chave pequena e fina, não maior do que um nó do dedo da sua mão de lutador de boxe. Era feita mecanicamente e tinha indentações complexas em três lados: demasiado pequena para uma porta de prisão, pensou, demasiado pequena para o portão em Gotemburgo que lhe permitira voltar para o navio. Mas tinha o tamanho certo para algemas.

Melik recolocou os pertences de Issa na bolsa e guardou-a debaixo da almofada encharcada em suor para que ele a encontrasse ao acordar. Mas na manhã seguinte os sentimentos de culpa que se tinham apoderado de si não o largavam. Durante a noite de vigília, estendido no chão com Issa um passo acima de si na cama, fora atormentado por imagens do corpo queimado e espancado do seu hóspede e pela consciência da sua própria imperfeição.

Sendo lutador, sabia o que era a dor, ou pensava saber. Enquanto miúdo turco de rua tinha apanhado e dado sovas. Num combate de um campeonato recente, uma saraivada de murros atirara-o para o vermelho-escuro de onde os lutadores de boxe temem não regressar. A nadar contra alemães, tinha testado os limites extremos da sua resistência, ou pensava ter testado.

Todavia, comparado com Issa, não tinha experiência praticamente nenhuma.

«Issa é um homem e eu ainda sou um rapaz. Sempre quis ter um irmão e ele vem parar à minha porta e eu rejeitei-o. Ele sofreu como um verdadeiro defensor das suas crenças enquanto eu procurei uma reles glória no ringue de boxe.»

Às primeiras horas do dia, a respiração irregular que tinha mantido Melik num estado de grande aflição a noite inteira abrandou para um ruído áspero mais constante. Ao substituir o emplastro, ficou aliviado porque percebeu que a febre de Issa tinha baixado. A meio da manhã, ele estava recostado como um paxá no meio de uma pilha dourada de almofadas de veludo ornamentadas com borlas da sala de estar de Leyla, que estava a alimentá-lo com uma papa revigorante que ela própria fizera. A pulseira de ouro da mãe estava de novo no pulso.

Doente de vergonha, Melik esperou que Leyla fechasse a porta depois de sair. Ajoelhou-se ao lado de Issa e baixou a cabeça.

– Espreitei o que tinha a tua bolsa – disse ele. – Estou profundamente envergonhado com o que fiz. Que o piedoso Alá me perdoe.

Issa mergulhou num dos seus silêncios eternos e depois pousou uma mão pálida no ombro de Melik.

– Nunca confesses, meu amigo – aconselhou, ensonado, e apertou a mão de Melik. – Se confessares, eles mantêm-te lá para sempre.